



PSICANÁLISE

Tiago Mussi

# O ano em que me tornei psicanalista

**Blucher**

# O ANO EM QUE ME TORNEI PSICANALISTA

Tiago Mussi

*O ano em que me tornei psicanalista*

© 2023 Tiago Mussi

Editora Edgard Blücher Ltda.

*Publisher* Edgard Blücher

*Editor* Eduardo Blücher e Jonatas Eliakim

*Coordenação editorial* Andressa Lira

*Diagramação* Joyce Rosa

*Produção editorial* Catarina Tolentino

*Preparação de texto* Daniel Moreira Safadi

*Revisão* Amanda Fabbro

*Capa* Laércio Flenic

*Imagens da capa* Francis Bacon, *Second Version of Triptych 1944*, 1988

© The Estate of Francis Bacon. All rights reserved, DACS/Artimage and

AUTVIS 2022. Photo: Prudence Cuming Associates Ltd

# Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

[contato@blucher.com.br](mailto:contato@blucher.com.br)

[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na  
Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Mussi, Tiago

O ano em que me tornei psicanalista /  
Tiago Mussi. -- São Paulo : Blucher, 2023.

138 p.

Bibliografia  
ISBN 978-65-5506-748-4

1. Psicanálise I. Título

23-1661

CDD 150.195

Índices para catálogo sistemático  
1. Psicanálise

# Conteúdo

1. O método	15
2. As entrevistas preliminares	23
3. A análise	37
4. A supervisão	71
5. A escrita	109

# 1. O método

Se você tivesse me conhecido nos últimos meses de 20..., talvez não percebesse a grande mudança que havia se dado comigo ao longo desse ano e dos anos anteriores, desde que comecei minha segunda análise. Afinal, aquele foi o ano em que me tornei psicanalista. Ou melhor, foi o ano em que me vi atuando como analista junto aos pacientes da minha clínica privada, embora minha formação propriamente dita no Instituto da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro – a Rio-2 para os íntimos – ainda estivesse longe de terminar.

Os meus colegas diziam que a formação de um analista nunca acaba, mesmo a formação curricular estando oficialmente encerrada. Sempre achei que havia um pouco de esnobismo em tal afirmação quando a escutava vindo da boca de um analista mais experiente. Eu era jovem então e tendia a tratar os mais velhos com desdém e aquele ar de superioridade que só os mais novos têm. Hoje, em plena meia-idade, já me sinto inclinado a dar inteiramente razão aos analistas com mais anos de prática do que eu, que sabem o valor destes versos: “tão curta a vida, tão longo o ofício de aprender”. De fato, não tanto uma profissão ou um trabalho, o que fazemos em

nossos consultórios com nossos pacientes, ou ao menos esperamos fazer, após longos e pacientes anos de tratamento, assemelha-se mais a um ofício.

Agora, ao escrever essas impressões sobre todos esses anos em que me pus com dedicação e afincos a empreender outra análise, a frequentar cursos e seminários, a fazer supervisão dos meus casos com um analista com funções específicas, habilitado a conduzir análises e supervisões oficiais, me pergunto: o que nos torna realmente analistas? O que nos permite dizer para nós mesmos que somos, enfim, analistas? Essa questão tem sido objeto de controvérsia e incompreensão desde que o psicanalista francês Jacques Lacan um dia afirmou: “O analista só se autoriza a si mesmo”. Em resumo, mais que a formação propriamente, por mais que ela seja feita de acordo com as recomendações e exigências estabelecidas há quase um século pela IPA, a Associação Internacional de Psicanálise criada por Freud para a formação de novos analistas, o que faz alguém se portar enquanto tal não seria o reconhecimento em si do desejo de analisar?

Talvez a resposta para essa pergunta esteja paradoxalmente não no analista, mas no paciente de quem nos ocupamos. O plural majestático aqui não é exagero, mas, sim, expressão da verdade, porque implica no desejo que pode advir entre o analista e o paciente que lhe procura em busca de análise. Assim, a dupla poderá empreender um trabalho de investigação do inconsciente daquele que está desejoso de interpretação. Se hoje sou eu quem deseja, alguém desejou por mim antes – isso parece bem evidente – para poder, então, surgir o meu desejo. Senão, de onde viria meu desejo de analisar? Alguém me interrogou antes, a tal ponto que não vislumbrei outra saída que não fosse transformar essa mesma interrogação numa busca atual e incessante pela verdade. Mas de que verdade estaríamos falando no presente se não somos mais capazes de recordar, apenas de repetir e, quem sabe, elaborar o que se passou?

Todavia, mais que a verdade, não queria falar da minha formação como alguém que faz um ensaio sobre psicanálise. Antes, preferiria a forma livre de um romance, mas não tanto a de um romance de formação, aquele que acompanha o desenvolvimento moral e psicológico de um personagem desde a infância até os anos de maturidade. Quem sabe a narrativa ideal se situasse justamente num espaço potencial entre o ensaio e o romance. Para isso, eu poderia tomar emprestado o conceito de *objeto transicional* do psicanalista inglês Donald Winnicott, no qual a criança se apoia para se separar de sua mãe. Esse método híbrido de escrita talvez me permitisse ir justapondo os episódios da minha vida, que potencialmente me levaram a me tornar analista, ao sabor das associações do inconsciente e das deformações da memória. Desse modo, um fato recente poderia ser colocado ao lado de uma lembrança dos meus três ou quatro anos de idade, que não saberei ao certo se é resultado do autoengano ou da negação. Esse método narrativo seria adequando ao meu propósito?

Bem, quem estiver interessado em saber pura e simplesmente sobre a formação do analista, pode consultar os manuais e tratados disponíveis sobre o tema. No entanto, como aspiro a dar um tom mais íntimo e pessoal ao meu relato, minha narrativa se encontra mais próxima daquelas que têm um quê confessional. Nessa vertente, há desde as cartas de Freud para Fliess, passando pelas memórias de Sergei Pankejeff em *Conversas com o Homem dos Lobos*, os relatos de análises com esse ou aquele analista, como é o caso de Margaret Little com o próprio Winnicott, até aventuras amorosas no divã como *A vida com Lacan*, de Catherine Millot. Enfim, há toda a sorte de literatura do gênero para quem quer conhecer os bastidores da psicanálise, aquilo que habitualmente é mantido à distância dos pacientes e do público em geral. Quem sabe, mais do que de Édipo – esse mito fundador da psicanálise –, minha narrativa esteja sob o domínio de Hamlet, herói que à maneira de um detetive

numa investigação policial procura, por meio de indícios deixados aqui e ali, resolver o misterioso assassinato do pai.

Alguma leitora desavisada pode pensar que pretendo fazer uma compilação *des histoires de cul*, como diriam os franceses, de histórias picantes da psicanálise, o que não poderia estar mais longe da verdade. Primeiro, me pergunto que interesse poderia haver numa história sexual da psicanálise, sendo ela em si mesma uma história da psicosexualidade. E segundo, me falta uma disposição inata para o exibicionismo, a não ser que se considere a escrita uma espécie de exibição, o que talvez fosse a condição essencial para um livro que pudesse servir ao voyeurismo de alguns leitores. Porém, mais do que aquilo que escrevemos, ou pensamos ter escrito, o que realmente conta é o que nossas palavras não dizem, ou seja, aquilo que fica latente, por assim dizer, que nós mesmos nem sabemos conhecer. Talvez a escrita seja, ao lado da psicanálise, a única forma possível para desvelar o que se esconde sob o sentido manifesto das palavras. Será? Assim me parece. Se por um lado tanto o exibicionismo quanto o voyeurismo me impediriam de ir além do que Freud foi ao revelar seus próprios desejos em *A interpretação dos sonhos*, por outro, a escrita, e, sobretudo, a escrita da psicanálise, poderia me libertar. E sabemos que escrever é uma exposição muito maior do que ficar nu em público.

Contudo, não é especialmente de mim que pretendo falar nesta breve narrativa – o que pode ser motivo para que alguns leitores interrompam a leitura de imediato, ao passo que outros passem a se interessar por ela justamente a partir de agora –, tampouco da atraente e bela paciente que me procurou numa manhã ensolarada de janeiro, no meu consultório em Botafogo... mas, sim, de como me tornei o que sou hoje a partir do nosso tratamento, como o pintor Lucian Freud disse certa vez a uma modelo em potencial: “Eu estaria interessado em pintar a partir de você”.





[Um Sigmund Freud exilado em sua casa na Maresfield Gardens, 20, Londres, em 1938, entre os netos Anton Walter e Lucian Freud, à direita]

À maneira do neto de Freud, eu estaria interessado em escrever a partir da Senhora M.Q. Vamos chamá-la pelas iniciais, que aliás casam bem com o início desta breve narrativa. Ainda que, quando eu a tivesse tomado em análise, ela já não fosse mais uma adolescente, mas recém-entrada nos 30 anos, M.Q. guardava certo ar infantil, uma expressão coquete e levemente afetada, que nunca a abandonou. No início, eu pensava que ela procurava despertar admiração apenas pelo simples prazer de seduzir, me seduzir, mas depois vi que não era bem isso. Havia algo que me escapava, que não se deixava bem apreender, como costuma acontecer com certas personalidades e alguns tipos de caráter que encontramos vida afora ou deitados em nossos divãs. Sob essa atitude que visava aparentemente ao prazer, dela ou de outrem – essa palavra tão em desuso, mas que expressa tão bem a imprecisão da sua demanda –, havia certa satisfação

secreta pela humilhação e pelo sofrimento, cujo alcance eu ainda não podia suspeitar no começo de nossas relações. Era inevitável pensar no Marquês de Sade, trancafiado no hospício em Charenton, escrevendo sua filosofia.

Por associação de ideias, me lembrei deste verso, aparentemente, banal de Paul Valéry, “A Marquesa saiu às cinco horas”, que tanta tinta fez correr, ensinando como um romancista não devia escrever se quisesse evitar o lugar-comum, aliás, o pior dos crimes que um escritor podia cometer. Por que me lembrei desse verso-advertência do autor de *Monsieur Teste*? Mar-quoise, escandindo assim ligeiramente as sílabas, fazia logo pensar nas iniciais de M.Q., cujo aspecto lânguido e antigo me evocava certa personagem aristocrática de um romance do século XIX. No entanto, minha personagem, minha paciente não era nobre. Ao contrário, era servil na maior parte das vezes, embora demonstrasse certo desgosto para a servidão. Se por um lado isso lhe dava algum prazer oculto, por outro, parecia também desagradar. Mas voltando à pergunta, por que me lembrei dos versos de Valéry? Por causa da hora em que a marquesa saía. Às cinco, como minha paciente, quando sua sessão terminava. E para onde a prosaica Marquesa ia? Eu não podia saber. E para onde M.Q. ia quando deixava meu consultório, na esquina da Voluntários com a Capitão Salomão, como uma andorinha no calor do verão? Eu só podia imaginar... M.Q. era um antípoda do Marquês, um Séverin de saias. Mas que papel eu interpretava nesse romance familiar?

Deve ser por isso que, à medida que vou tentando esboçar um perfil psicológico da minha Mar-Quise, cada vez mais me apercebo que me afasto da imagem dela para ir além da Marquesa, como um navegante além-mar que se distanciava do seu destino, sem saber bem o que o esperava, se um novo continente ou um naufrágio infame como o da Medusa. É absolutamente certo que essa nova associação de ideias não é casual, porque, muitas vezes, durante sua análise, estive perto de me afogar, pois havia algo nela como um mar revolto, que tragava quem se aproximasse demais. De ideia

em ideia, quem sabe, posso chegar a algum pensamento que faça sentido, se não para o meu próprio proveito, ao menos para uma leitora de psicanálise, como você que aí está com meu livro nas mãos. Se porventura conseguir também uma leitora não psicanalítica, melhor ainda. Sim, pois tenho a esperança vaga de algum dia ser lido por uma leitora que não conhecesse nada de psicanálise, isto é, que lesse essas linhas surgidas meio ao acaso, sem meta nem direção aparente, que tivesse o inconsciente como ponto de partida, não o inconsciente individual, mas o formado pela ligação do meu inconsciente com o dela, para, a partir desse terceiro, chegarmos a algum pensamento violento e original.

Por isso, minha meta não é escrever para M.Q., mas para me distanciar dela, para ir adiante a partir desse ponto zero da escrita. Se ela, muitas vezes, exerceu sobre mim um movimento de atração, como uma força centrípeta, minha escrita pretende tomar precisamente o caminho contrário, indo em direção às bordas, aos limites ao invés do centro. Assim fazendo, eu estaria criando na realidade uma espécie de método da escrita, em que a fonte da pulsão está do lado de dentro, porém o objeto e a meta a serem alcançados estão do lado de fora. Os psicanalistas talvez o chamassem de método pulsional da escrita. Alguém poderia se perguntar: mas qual escrita não seria pulsional, isto é, emocional, impulsiva e essencialmente irracional? Eu prefiro chamá-lo de método Masoch. Porém, por mais que se tente apreender uma mentalidade, um tipo de caráter em sua totalidade por meio de algum procedimento estético ou psicológico, sempre resta algo inacessível à nossa compreensão, um ou outro traço nos escapa. Talvez isso defina não a psicanálise, mas a essência do meu método: a tentativa de aprisionamento e a fuga, sobretudo a fuga. Mas vamos começar pelo princípio, que não deixa de ser também um dos métodos de captura, que no final das contas nos aprisiona. Quem sabe, assim, M.Q. possa não apenas se esquivar da minha escrita, do meu impulso de controle e domínio, mas, a partir do mesmo gesto, eu possa libertar a mim mesmo?



*Antes de mais nada*, é para nós mesmos que escrevemos, testemunhando as lutas que travamos para resolver as dificuldades do encontro analítico. Tornamo-nos psicanalistas, entre outras coisas, por causa da relação entre psicanálise e verdade.

De um modo geral, Tiago Mussi nos mostra que a interpretação psicanalítica é necessariamente terapêutica. A verdade é o alimento da alma. O relato das relações transferência-contratransferenciais fazem objeto de uma descrição clara e detalhada, mostrando que sempre que possível deve-se fazer um esforço nesse sentido.

A linguagem poética do autor e a leveza das suas expressões nos fazem mergulhar no universo dessa constatação da sua vivência psicanalítica. Somente a vida psíquica e o pensamento podem nos retirar da rotina do ódio. Acredito que tornar-se psicanalista foi para o autor um ato de fé.

*Admar Horn*

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-748-4



9 786555 067484



[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

**Blucher**



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

## O ano em que me tornei psicanalista

---

Tiago Mussi

ISBN: 9786555067484

Páginas: 134

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2023

---